

A Dissimulação Operacional na Era da Informação

Milan N. Vego

A DISSIMULAÇÃO é tão antiga quanto a guerra. Ela pode aumentar a capacidade tanto dos atacantes como dos defensores. Encontra-se entre as atividades militares menos dispendiosas em termos de forças e recursos. No entanto, apesar de seu comprovado valor, gera pouco entusiasmo nos militares norte-americanos. Nenhum plano de dissimulação operacional foi preparado para o conflito em Kosovo em 1999, nem há evidência de algum nas operações no Afeganistão. Uma opinião popular na atual era da informação é que a dissimulação está ultrapassada; uma força superior não precisa enganar um inimigo para vencê-lo e uma força inferior não pode enganar um inimigo sofisticado que tem superioridade. Apesar disso, as novas tecnologias de informação oferecem a ambos os lados mais, e não menos, oportunidades para a dissimulação.

A falta de interesse em tempo de paz não pode ser facilmente remediada depois de começada uma guerra. Técnicas de dissimulação teriam de ser apreendidas em cima da hora, com grande risco e a grande custo. Mesmo assim, elas podem facilitar o elemento surpresa, multiplicando as chances de um sucesso rápido e conclusivo, mantendo em um nível mínimo as baixas e perdas de material. A dissimulação pode forçar um inimigo a utilizar e gastar recursos defendendo áreas sem importância, a dispersar suas forças ou a reduzir sua prontidão. Qualquer força, não importa quão superior, arrisca ser detida ou derrotada se não for acompanhada por estratégias e dissimulações. Até as mais poderosas forças militares devem utilizá-las, sistematicamente.

Porque Dissimular?

Idealizada para ludibriar pela distorção, manipulação, ou pela falsificação de informações, a dissimulação pode induzir um inimigo a tomar medidas contrárias

aos seus interesses. A Publicação Conjunta 3-58, *Joint Doctrine for Military Deception*, define a dissimulação como sendo “ações executadas para deliberadamente desorientar o processo de tomada de decisões militares do adversário com relação às capacidades, intenções, e operações da força amiga, fazendo com que o adversário execute determinadas ações que contribuam para o cumprimento da missão daquela força”. Também se entende que isso inclui as medidas planejadas para difundir informações falsas ou verdadeiras relacionadas com planos estratégicos, força, disposições, operações ou táticas, para induzir o inimigo a chegar a conclusões erradas e a agir de acordo com elas.

A dissimulação pode ser utilizada para enganar um inimigo com respeito ao lugar e à hora de um ataque. Os alemães obtiveram surpresa operacional por meio da dissimulação no ataque através das Ardenas em maio de 1940 e outra vez em dezembro de 1944. Também conseguiram a surpresa estratégica e operacional na invasão da Rússia, em junho de 1941. Da mesma forma, os japoneses usaram a dissimulação para obterem surpresa estratégica, operacional e tática quando atacaram Pearl Harbor em dezembro de 1941. A dissimulação pode criar a ilusão de força onde há fraqueza ou de fraqueza onde há força. Pode induzir um inimigo a concentrar forças no lugar errado, violando o princípio da concentração, ou fazer com que as forças sejam concentradas na hora errada contra objetivos inexistentes.

A dissimulação pode enganar o inimigo com respeito às nossas capacidades, tipos de força ou local dos centros de gravidade. Pode, além disso, sobrecarregar a capacidade de coleta e análise ou bloquear as informações, impedindo dessa forma, uma imagem clara em tempo real da situação operacional ou estratégica. Por isso, faz sentido usá-la em qualquer nível de planejamento, mesmo que seja apenas para inserir a dúvida contínua

na mente do comandante inimigo a respeito do valor da inteligência recebida. Uma vez enganado, o inimigo suspeitará de futuras informações. A dissimulação, como a surpresa, deve portanto ser considerada uma peça vital da atividade de inteligência.

Esforços diferem em objetivo, área, duração, força e recursos. A dissimulação estratégica é planejada e executada no nível nacional ou de aliança/coalizão e é conduzida tanto na paz como na guerra. Poderia ser utilizada para ocultar fraquezas econômicas ou militares, exagerar forças em tempos de paz ou disfarçar preparações para início de hostilidades. Um inimigo pode ser convencido a abrir uma nova frente ou a iniciar

A dissimulação pode enganar o inimigo com respeito às nossas capacidades, tipos de força ou local dos centros de gravidade. Pode, além disso, sobrecarregar a capacidade de coleta e análise ou bloquear as informações, impedindo dessa forma, uma imagem clara em tempo real da situação operacional ou estratégica.

uma nova campanha. Ela abrange diversas medidas, desde a política, diplomacia e informação até o uso, ou ameaça do uso, da força.

Uma das mais bem-sucedidas dissimulações estratégicas da II Guerra Mundial foi o *Plan Bodyguard* aliado, adotado em janeiro de 1944, para enganar Hitler e o Supremo Comando alemão a respeito do lugar e hora da invasão da Normandia. Essa campanha de dissimulação continha vários planos militares e diplomáticos: *Fortitude*, para transferir a ameaça aliada à costa atlântica francesa para a região do norte da Noruega; *Zeppelin*, para impedir os alemães de manobram reforços, em tempo hábil, do leste mediterrâneo para o norte da França; *Vendetta*, para manter as forças alemãs no sul da França, apresentando uma ameaça plausível de um ataque aliado naquela área pouco depois da chegada na Normandia; *Copperhead*, para convencer os alemães que não havia uma ameaça imediata de invasão no noroeste da França e *Ironsides*, para simular um ataque contra Bordeaux visando atrair os alemães para o sudoeste da França. Além disso, os Aliados executaram as dissimulações *Graffham* e *Royal Flush* para apoiar o *Plan Bodyguard*, que se resumiam em explorar o temor dos alemães de que a Suécia, a Espanha e a Turquia abandonassem sua neutralidade nominal e passassem a cooperar com os Aliados.

A dissimulação estratégica no teatro de operações faz parte da dissimulação estratégica de coalizão/aliança

ou nacional e tem por objetivo desorientar a liderança inimiga e os comandantes de teatro sobre os objetivos, lugar e hora da operação inicial principal de uma nova campanha. É geralmente conduzida em dois ou mais teatros de operações ou em uma grande área do teatro de guerra. A intenção do plano de dissimulação *Fortitude South* era convencer os alemães a manterem seu XV Exército desdobrado na área de Pas de Calais antes e depois da chegada aliada na Normandia. A criação de uma grande força fictícia desdobrada no sudeste da Inglaterra ajudou a alcançar esse objetivo. Os Aliados convenceram os alemães que as invasões na Normandia eram uma distração para forçá-los a comprometerem suas reservas antes do desembarque principal em Pas de Calais, 45 dias mais tarde.

Em termos específicos, a dissimulação operacional refere-se a ações e medidas para enganar o inimigo a respeito da hora, lugar e detalhes da operação principal planejada, conduzida como parte de uma campanha, operação conjunta ou combinada, com um objetivo estratégico. Tal dissimulação geralmente requer múltiplas forças e pode exigir recursos multinacionais. Deve atingir os comandantes inimigos com a autoridade e os recursos para reagirem da maneira desejada e deve chegar por meio dos sistemas de inteligência inimiga. Planos de dissimulação devem ser criados para permitir que o inimigo receba informações cuidadosamente plantadas, algumas verdadeiras, outras falsas, que pareçam ser lógicas e que conduzam aqueles que tomam as decisões à conclusão desejada. O planejamento, a preparação e a execução da dissimulação operacional é da responsabilidade dos comandantes da força conjunta e de seus estados maiores. Como a manutenção do comando e controle centralizado é mais eficiente, o planejamento deve ser encaminhado através de uma só organização, que também deve gerenciar a implementação, certificando-se de que todas as medidas sejam coordenadas para se alcançar o objetivo comum. Os planos de dissimulação devem proteger a intenção do comandante operacional das fontes hostis de coleta de inteligência e reforçar os ideais e as expectativas sobre nossas próprias forças e sobre as futuras ações.

A dissimulação tática tem a intenção de enganar os comandantes táticos inimigos com relação à hora, lugar e detalhes de uma ação tática. Durante o planejamento do assalto anfíbio combinado, *Operation Neptune*, na Normandia, os Aliados prepararam três fintas navais e quatro aéreas integradas com o plano de dissimulação, *Fortitude South*.

Os esforços em todos os níveis da guerra devem ser complementares; o sucesso ou fracasso de um afeta os outros. Os planos principal e secundário de dissimulação devem alcançar seus objetivos designados, para assegurar o máximo sucesso. Um fracasso no nível



Departamento de Defesa

Patrulha em bote inflável

estratégico geralmente condena todos os planos secundários ao fracasso também. Porém, planos táticos, ou até às vezes, operacionais, podem fracassar, permitindo, apesar disso, o sucesso, desde que a dissimulação estratégica consiga influenciar os líderes estratégicos inimigos.

Inteligência Humana e Inteligência de Sinais

A dissimulação operacional é normalmente um esforço conjunto, e muitas vezes combinado. São necessários recursos relativamente grandes. O inimigo deve ser convencido de que forças substanciais combinadas estão dispostas no teatro para enfrentá-lo. O esforço necessário para simular atividades reais nessa escala — envolvendo corpos-de-exércitos, operações navais, frotas aéreas ou forças-tarefa — poderia desencorajar os esforços de dissimulação. Isto também poderia ocorrer devido ao fato de que é difícil ocultar forças militares e seus movimentos na atualidade.

Os comandantes operacionais não devem, normalmente, dedicar qualquer parte de suas forças apenas para a dissimulação. Planos que dependem inteiramente de um blefe tendem a fracassar. A solução ideal parece envolver forças reais apenas temporariamente ou o estabelecimento de um QG imaginário com forças subordinadas ou, ainda, usar forças reais e imaginárias em combinação. Assim, um pré-requisito básico é que o inimigo não tenha a capacidade de observar e avaliar a verdadeira situação.

A dissimulação não pode ter sucesso na guerra sem primeiro ter sido desenvolvida uma teoria e doutrina durante a paz. A preparação de recursos também deve ser contínua e começar durante a paz. A preparação é crucial porque deve haver tempo para desenvolver os conceitos e permitir aos planejadores e executores o preparo da imagem da dissimulação. Os planejadores

Uma das mais bem-sucedidas dissimulações estratégicas da II Guerra Mundial foi o Plan Bodyguard aliado, adotado em janeiro de 1944, para enganar Hitler e o Supremo Comando alemão a respeito do lugar e hora da invasão da Normandia.

devem saber quanto tempo levará para que uma medida surta efeito sobre o alvo da dissimulação e quanto tempo é necessário para a reação do mesmo.

Os planejadores dependem da inteligência para criar uma história plausível, tendo como alvo os temores de comandantes inimigos, as concepções e a situação das forças oponentes. O teatro deve ser visto pelos olhos do inimigo para que a dissimulação se baseie no seu conceito sobre o que farão as forças amigas. A inteligência continua a ser usada para identificar as partes da estrutura de coleta e avaliação do inimigo, alvo da dissimulação. Depois de divulgadas partes

da história, a inteligência deve avaliar o seu efeito. É crítico prever como o comandante oponente irá reagir. Os planejadores então usam a inteligência para fazer ajustes na dissimulação e na operação. O processo exige um retorno contínuo de informações sobre o alvo para se determinar o que o inimigo sabe ou não sabe.

A inteligência operacional depende mais da inteligência humana (*human intelligence — HUMINT*) e da inteligência sofisticada de sinais (*signals intelligence — SIGINT*) que de qualquer outras fontes para avaliar as situações e intenções do inimigo. Enviar certos sinais aos operadores que coletam esta inteligência prepara a dissimulação para ser absorvida pelo inimigo, enquanto que esconder os indicadores de nosso próprio dispositivo e força oculta nossas verdadeiras intenções.

Os comandantes operacionais não devem, normalmente, dedicar qualquer parte de suas forças apenas para a dissimulação. Planos que dependem inteiramente de um blefe tendem a fracassar. A solução ideal parece envolver forças reais apenas temporariamente ou o estabelecimento de um QG imaginário com forças subordinadas ou, ainda, usar forças reais e imaginárias em combinação.

O sucesso também requer a compreensão do processo de coleta de informações e do ciclo decisório do inimigo bem como da qualidade de sua doutrina tática e operacional. Em razão dos planos de dissimulação usarem sistemas hostis de coleta de inteligência, devem identificar métodos de coleta, frequência de relatórios, a importância relativa da informação recebida através de cada canal e como essa entra no ciclo decisório, para assegurar que a informação correta seja fornecida pelos meios apropriados na hora certa.

A dissimulação é aplicada por meio de métodos passivos e ativos. A dissimulação passiva é primariamente baseada em segredo e camuflagem — ocultando intenções e capacidades. A dissimulação ativa normalmente envolve uma tentativa calculada de divulgar meias verdades apoiadas por provas, sinais, ou outras evidências associadas. A inteligência inimiga deve descobrir as provas plantadas e ficar convencida de sua veracidade e significado. A dissimulação ativa normalmente depende do sucesso da dissimulação passiva.

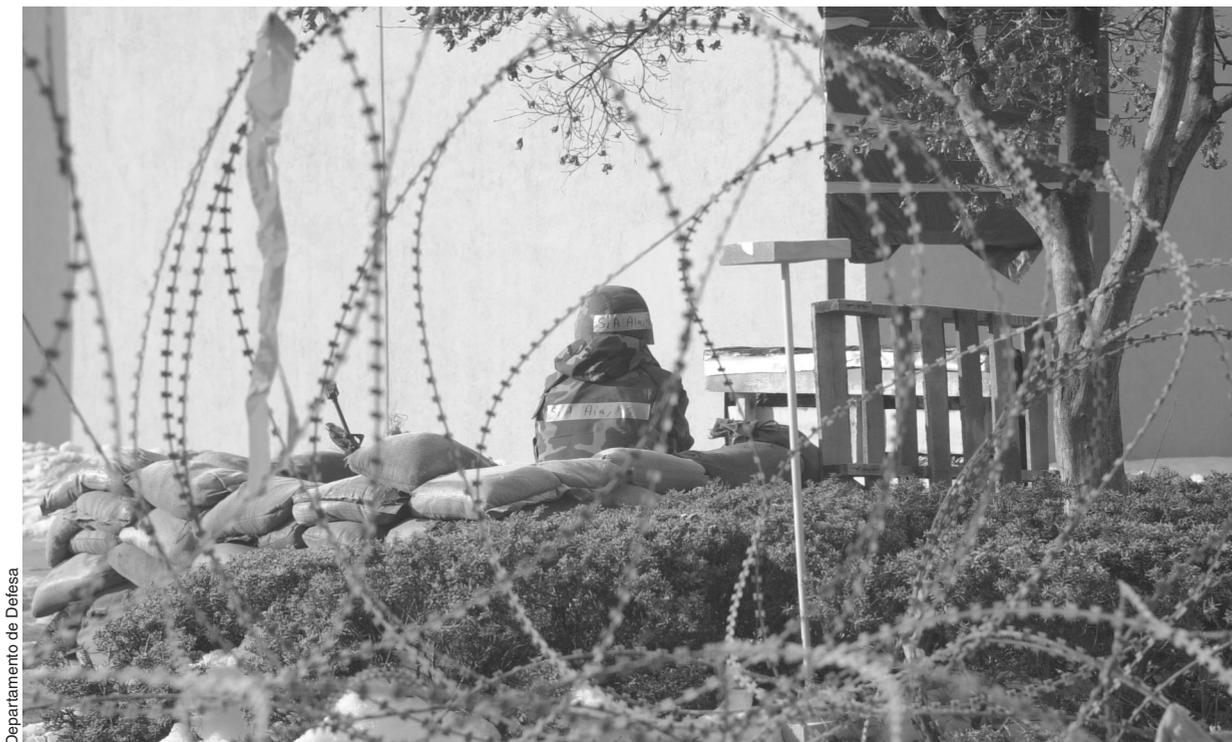
Propósitos e Meios

Quanto maior o objetivo, mais complexos e diversos os métodos utilizados. Na dissimulação tática, artifícios e ataques simulados podem ser suficientes, enquanto, no nível operacional, medidas militares e não militares podem ser necessárias. Os métodos variam, desde a propagação de rumores e falsa informação até as ações de combate. No nível mais alto, instrumentos diplomáticos, políticos, econômicos e informativos de poder nacional são usados para se chegar à dissimulação estratégica. A colocação estratégica de informação e os agentes inimigos controlados são empregados com frequência. Artimanhas, artifícios, demonstrações e exibições podem manter ocupadas as forças inimigas em certas áreas, para diminuir a resistência no setor principal.

O método de dissimulação mais comum é a falsa divulgação de intenções ou capacidades por meio do segredo operacional ou de uma mais elaborada dissimulação ativa que desvia a atenção. Este método foi bem sucedido no teatro europeu durante a II Guerra Mundial porque os Aliados quebraram o código alemão e se aproveitaram dos receios e concepções do Eixo com respeito às intenções dos Aliados. A contribuição fundamental da inteligência foi a criação de uma ordem de batalha falsa para o plano de dissimulação. De outra maneira, os Aliados não teriam tido como fazer com que os alemães reagissem operacionalmente, já que de fato não existiam forças reais contras as quais reagir.

A capacidade da força pode ser disfarçada por meio da ocultação da localização e do tipo da força, QG e elementos de logística. Tal dissimulação pode levar a uma avaliação exagerada ou reduzida da capacidade amiga. A percepção de uma força artificialmente poderosa pode ser reforçada por meio de uma mistura de forças reais e fictícias ou pela confecção de uma ordem de batalha completamente imaginária em um local que o inimigo considera crítico, que inclua QG e forças falsas, bem como redes de comunicações e de tráfego de rádio, depósitos de suprimentos e outros elementos logísticos, instalações de suprimento de água, oleodutos, linhas telefônicas e telegráficas, estradas de ferro e terminais. Canhões, carros de combate, caminhões e equipamento pesado de engenharia simulados podem ser concentrados e polígonos de tiro e áreas de manobra de carros de combate podem ser construídos. Tropas ou forças navais e aéreas podem ser deslocadas para posições de ataque sob o pretexto de manobras de grande escala. A segurança operacional pode ser elevada por meio da não difusão de informação relacionada aos verdadeiros propósitos de tais manobras até mesmo para as forças amigas.

No nível estratégico, é difícil enganar o inimigo com respeito à verdadeira capacidade da força amiga



Departamento de Defesa

Montando guarda, Base Aérea de Osan, Coréia

no início das hostilidades porque ambos lados têm uma imagem real da capacidade do outro. Porém, torna-se mais fácil à medida que a guerra progride. Os Aliados conseguiram criar forças imaginárias durante a preparação para a invasão da Normandia e em muitas operações no Mediterrâneo porque os alemães tinham pouca capacidade para obter ou confirmar uma imagem exata. Mas o exagero excessivo sobre a capacidade da força em um determinado teatro pode alertar o inimigo com respeito a uma dissimulação.

Atacantes podem obter êxito com a surpresa se seus setores de esforço principal forem ocultados pela realização de maciços ataques aéreos contra setores secundários, e pela repentina mudança desses ataques, dirigindo-se contra as forças desdobradas na frente do setor principal. A ofensiva alemã no ocidente, em maio de 1940, foi bem-sucedida, principalmente devido a um plano bem elaborado de dissimulação. Os alemães ocultaram seu setor de ataque principal empregando seus temidos bombardeiros e *Stukas* contra alvos na Bélgica e nos Países Baixos até, praticamente, o momento de sua penetração operacional em Sedan.

Mantendo as Aparências

Medidas de dissimulação podem ocultar o verdadeiro centro de gravidade. Durante uma grande operação (*Trappenjagd-Bustard Hunt*), em maio de 1942, o General Erich von Manstein, comandante do 11º Exército, usou de extensas medidas para enganar o seu oponente soviético

a respeito da localização de suas forças mais capazes. O ataque alemão veio inesperadamente do sul. Von Manstein recapturou a Península de Kerch. A Frente da Criméia perdeu 176.000 homens, enquanto que apenas 120.000 escaparam da armadilha.

Outra tática é criar a impressão de atividades de rotina, acostumando o inimigo a um padrão rotineiro. Os alemães usaram este método quando prepararam o

Quanto maior o objetivo, mais complexos e diversos os métodos utilizados. Na dissimulação tática, artifícios e ataques simulados podem ser suficientes, enquanto, no nível operacional, medidas militares e não militares podem ser necessárias. Os métodos variam, desde a propagação de rumores e falsa informação até as ações de combate.

deslocamento operacional de dois cruzadores de batalha e de um cruzador pesado a partir de Brest, atravessando o Canal da Mancha em fevereiro de 1942, durante a *Operation Cerberus*. Por um longo período, antecedendo a operação, os alemães aumentaram a intensidade da sua interferência de radar. Os ingleses se haviam tornado tão habituados com a interferência que nem perceberam que seu radar era praticamente inútil.

Os canais sigilosos são uns dos fatores mais eficientes em qualquer plano de cobertura ou dissimulação. Os canais devem, portanto, estar sob o controle cuidadoso do oficial responsável pela dissimulação no teatro. Em toda dissimulação física, as ações devem parecer normais às agências de inteligência inimigas, incluindo as de interceptação de rádio e monitoramento, os conhecimentos aéreos e terrestres e, especialmente, os agentes secretos.

A manipulação e simulação eletrônica são altamente eficazes. A manipulação envolve a alteração da ordem de batalha eletrônica ou a criação de falsos níveis de tráfego ou de falhas propositais e controladas na segurança. A manipulação eletrônica contribui para a segurança. Em contraste, a simulação cria uma ordem de batalha fictícia ou indica dados falsos em uma ordem genuína.

Rumores podem apoiar a estória da dissimulação,

Os aliados conseguiram criar forças imaginárias durante a preparação para a invasão da Normandia e em muitas operações no Mediterrâneo porque os alemães tinham pouca capacidade para obter ou confirmar uma imagem exata.

Mas o exagero excessivo sobre a capacidade da força em um determinado teatro pode alertar o inimigo com respeito a uma dissimulação.

dando informação falsa com respeito ao movimento da força ou do valor dela em determinada área. Os rumores são geralmente abundantes antes de uma operação ou campanha de grande porte. Devem ser usados com cuidado, já que podem confundir tanto amigos quanto inimigos; além disso, sua difusão deliberada pode criar confusão sobre o objetivo de cobertura e hora de determinadas ações. Não devem ser iniciados se não estiverem de acordo com um plano aprovado.

As Operações Psicológicas podem ajudar as operações de dissimulação, mesmo sendo seus objetivos fundamentalmente opostos. As Operações Psicológicas podem promover a aceitação de uma mensagem dissimulada comunicando apenas aquilo que se deseja que o inimigo ouça, verdade ou mentira, e então substituindo-a por outra coisa.

O poder crescente dos computadores e da conectividade global das redes de comunicações têm criado uma capacidade enorme para processar e distribuir informação. Isso tem, por sua vez, aumentado a eficiência e diversidade dos métodos de dissimulação em todos os níveis. O aumento no volume de informações pode saturar a capacidade inimiga de processamento

e avaliação. Também reduz drasticamente o tempo disponível para o sistema de inteligência processar, analisar e disseminar os resultados. Como o alvo pode ser saturado com dados inúteis, um ataque direto não precisa depender exclusivamente da capacidade inimiga em perceber ou interpretar esses dados. Tal ataque pode buscar a colocação de informações falsas em uma banco de dados como, por exemplo, uma falsa ordem de batalha. O importante é determinar qual a ficção desejada. O atacante pode também usar “bombas lógicas” para incapacitar o sistema de informações do inimigo. Estas podem permanecer dormentes até serem ativadas por datas ou por um número e então danificar o sistema.

Outro método é o ataque convencional contra sistemas de informações tais como um conjunto de servidores para rede de computadores ou centros de comutação de telefonia. A variedade de alvos é enorme e quanto mais o inimigo depende da tecnologia informatizada, maior a sua vulnerabilidade. Assim, o lado mais fraco também pode planejar e executar a dissimulação porque a tecnologia sofisticada é inerentemente vulnerável, até mesmo à mais básica das camuflagens e ocultamento. Simples dissimulações podem ser eficazes contra alguns tipos de ataques de informações enquanto que métodos mais avançados são necessários contra esforços mais sofisticados.

Plausibilidade, Segurança e Coordenação

A dissimulação é sempre um plano de apoio; um plano operacional não deve nunca depender exclusivamente dela. Um plano de dissimulação apresenta risco ao plano básico. Os comandantes operacionais e seus estados-maiores devem avaliar o risco durante o planejamento, considerando não apenas de que maneira a operação ou campanha alcançará o objetivo estratégico ou operacional, mas também de que forma a dissimulação se incorporará ao esquema global militar, político e diplomático.

Quando se considera a utilização de planos primários e alternativos, estes devem ser separados geograficamente para aumentar a plausibilidade e diminuir a suscetibilidade à contra-dissimulação. O plano estratégico de dissimulação dos Aliados, denominado *Fortitude*, abrangia dois teatros europeus, o norte e o ocidental. Da mesma forma, o plano operacional de dissimulação para a invasão de Sicília, em julho de 1943, envolveu o Mediterrâneo central e ocidental. Em contraste, o plano para a invasão da Normandia abrangia apenas o mar e a área da costa desde Pas de Calais, ao norte, até Brest, no sul.

O tempo deve ser disponível não apenas para o planejamento, mas também para que se possa fabricar

a evidência e para que esta seja recebida, processada e avaliada pelo alvo. Deve permitir ainda que um comandante operacional hostil tome uma decisão e execute as ações desejadas, especialmente quando a intenção da dissimulação é fazer com que as forças inimigas mudem de local. Medidas que não podem ser ocultadas devem ser feitas em seqüência, para gerar uma estimativa da capacidade e intenção das forças amigas que coincida com a do plano de dissimulação. Finalmente, a fixação do tempo no plano de dissimulação deve permitir que as ações desejadas sejam iniciadas, transmitidas à inteligência hostil e analisadas por ela antes da reação do inimigo.

Plausibilidade, segurança, e coordenação são os componentes fundamentais. A plausibilidade é o mais importante. Um plano não pode ser bem sucedido se o alvo não acredita na informação nem a considera como uma linha de ação lógica. A plausibilidade ajuda a preservar a integridade da operação, apesar de possíveis falhas na segurança. Os planejadores devem ter certeza de que cada elemento do esquema se incorpora logicamente ao cenário total, operacional ou estratégico. O plano de dissimulação — freqüentemente a melhor linha de ação alternativa na estimativa do comandante oponente — deve se concentrar sobre as expectativas, as concepções e os temores do inimigo. Isto é difícil no nível operacional em razão do volume das forças e da área envolvida.

A plausibilidade depende de muitos fatores. O comandante inimigo pode não aceitar a dissimulação rapidamente; muitos sinais poderão ser necessários, ao longo do tempo, para convencê-lo de que suas primeiras impressões estavam equivocadas. Ele estará mais suscetível a crer em informações que se aproximem de suas próprias concepções e inclinações. Além disso, a informação deve corresponder às realidades operacionais e estratégicas.

É geralmente mais fácil dar continuidade a uma crença existente do que tentar mudá-la. Isto torna mais crítica a necessidade de se ter um conhecimento detalhado e acurado das percepções, ações, doutrina, táticas, técnicas e procedimentos do inimigo. As melhores dissimulações são aquelas que não levam o inimigo a mudar alguma coisa.

A Segurança das Operações usa de medidas passivas para ocultar uma dissimulação e seus elementos. Trata-se do lado defensivo da dissimulação operacional. Geralmente, quanto maior a dissimulação, mais complexo o plano e maior a sua duração. O comandante operacional deve então equilibrar o tempo e o espaço porque o plano de apoio deve ser mantido durante semanas ou meses. O risco de descoberta aumenta com o passar do tempo e as conseqüências podem ser devastadoras. Os japoneses tiveram o plano da Operação *MI* comprometido, quando



Exercício de contra-infiltração, Coréia

criptógrafos norte-americanos decifraram o verdadeiro propósito de seu ataque simulado contra as Aleutas. O resultado final foi a Batalha de Midway. Informação falsa, divulgação controlada, meias verdades e a desinformação ajudam a manter a segurança dos planos.

A manipulação e simulação eletrônica são altamente eficazes. A manipulação envolve a alteração da ordem de batalha eletrônica ou a criação de falsos níveis de tráfico ou de falhas propositalis e controladas na segurança. A manipulação eletrônica contribui para a segurança. Em contraste, a simulação cria uma ordem de batalha fictícia ou indica dados falsos em uma ordem genuína.

O maior problema para o inimigo é geralmente a divulgação proposital e controlada de informação que pode ser insignificante individualmente, mas cuja importância coletiva se desenvolve ao longo do tempo. Falhas em nossa segurança, intencionais ou não, podem aumentar a incerteza de um inimigo. Uma dúzia de falhas na segurança alemã revelaram as intenções de Hitler nas semanas anteriores à invasão da Rússia soviética

em junho de 1941. Ainda assim, Stalin permaneceu convencido de que o gigantesco desdobramento alemão no leste era cobertura para a invasão da Inglaterra.

Uma forma de aprimorar a Segurança das Operações é a de limitar o pessoal envolvido, criando uma pequena e especializada seção de planejamento dentro de um grande QG, combinada com uma direção e execução centralizadas. O Marechal-de-Campo Erwin Rommel, comandante do Corpo-do-Exército da África e das forças do Eixo na África do Norte, sabia da necessidade da Segurança das Operações. Ele não informou ao seu estado-maior nem ao supremo comando das suas intenções. Ele desconfiava especialmente dos italianos por terem uma segurança tão relaxada. Da mesma forma, em sua grande contra-ofensiva surpresa nas Ardenas, em dezembro de 1944, os alemães limitaram o número de comandantes que sabiam do plano. Os chefes de estado-maior de dois Grupos de Exército participantes, assinaram um juramento de manter segredo e estavam sob pena de morte se divulgassem a informação.

Um Semblante da Verdade

A segurança da dissimulação é freqüentemente aprimorada quando se ilude os nossos próprios comandantes e seus subordinados. Não informar às próprias forças aumenta os prospectos para o plano inteiro, porque as tropas ficam mais motivadas para cumprir uma ação se acreditarem que seus esforços irão produzir resultados reais. Na contra-ofensiva nas Ardenas, os comandantes alemães na frente estavam convencidos de que o acúmulo de suprimentos e a retirada de divisões de linhas de frente eram necessários para providenciar tropas descansadas para defender o Ruhr e o Palatinado. Uma forma de aprimorar a segurança de um plano é rodeá-lo com verdade.

Demasiada segurança interfere com a coordenação; deve haver um equilíbrio entre a proteção e a eficiência. Um inimigo sempre está alerta para indicações e advertências, portanto, a segurança perfeita não existe. Os comandantes, sabendo que seus planos de dissimulação podem ficar comprometidos, devem procurar tirar proveito de qualquer falha na segurança.

Os comandantes operacionais devem conciliar as diferenças entre os objetivos da dissimulação e os métodos recomendados pelo seu estado-maior. Isto é assegurado por meio de uma coordenação ao longo da cadeia de comando. Como o planejamento é feito simultaneamente e em várias seções do estado-maior, inconsistências devem ser resolvidas. Um plano de dissimulação operacional nunca funciona de forma independente, devendo complementar o plano de

campanha ou o plano de operações. Assim, estes planos devem ser coordenados. Os comandantes devem se assegurar de que os planos preparados por seus superiores e subordinados não entrem em conflito com os seus. Um plano estratégico de dissimulação pode envolver a distribuição de recursos a um comandante operacional que não está a par do plano. As dissimulações operacionais e táticas também devem ser sincronizadas. Além disso, planos de dissimulação operacional devem ser integrados a um plano de dissimulação estratégica. Elementos diplomáticos, políticos, econômicos e da mídia devem ser coordenados nos níveis estratégico e operacional.

Os planos de dissimulação podem usar, além de forças imaginárias, outras verdadeiras, que podem prejudicar o plano real caso interfiram com o setor de esforço principal ou, acidentalmente, divulguem o objetivo real. Portanto, torna-se necessário desembaraçar a dissimulação do esquema verdadeiro durante o planejamento. Estes esforços devem continuar ao longo de uma operação ou campanha.

A dissimulação operacional freqüentemente exige mover forças grandes e variadas. Como é pouco provável a disponibilidade de forças separadas para os planos reais e de dissimulação, os dois devem ser executados ao mesmo tempo, usando as mesmas forças. A congruência é assegurada por meio do planejamento coordenado. O comandante operacional deve também ser capaz de modificar ou cancelar toda a dissimulação.

Uma dissimulação em grande escala não pode ser limitada a elementos individuais. Podem ser necessárias atividades militares, políticas, econômicas e de informação. Todas devem estar harmonizadas no cenário total para iludir o inimigo. Portanto, a dissimulação operacional depende do emprego sincronizado e seqüencial de forças grandes e variadas e de recursos controlados pelo comandante operacional em termos de tempo, espaço, forças e objetivo.

A dissimulação pode ser um multiplicador de força e também um fator principal no planejamento de campanhas. Os comandantes operacionais e seus estados-maiores devem compreender e aplicar seus princípios. As novas tecnologias e técnicas de informação aumentam, ao invés de diminuir, as oportunidades para a dissimulação, permitindo aos atacantes e defensores maior escolha de métodos. A tecnologia, não importa o quão sofisticada e disponível, não elimina a necessidade de uma maior conscientização da vantagem oferecida pela dissimulação em todos os níveis da atividade militar. A dissimulação deve ser sempre parte integrante de uma campanha ou operação de vulto. **MR**